UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

54

INSCRIÇÕES 247-251



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1997 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA
Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





EPÍGRAFES INÉDITAS DA ZONA DE BRAGANÇA (247-251)

247

ESTELA FUNERÁRIA DE CASTRO DE AVELÃS

Estela de cabeceira semicircular, de granito, incompleta. A epígrafe foi encontrada em meados da década de 80, aquando da abertura de um furo para prospecção de água na Torre Velha de Castro de Avelãs (Castro de Avelãs, Bragança) e desde o momento do seu achado que se encontra na casa de Amândio dos Santos e Cândida Diegues, nesta aldeia (¹).

O monumento apresenta-se fracturado abaixo do campo epigráfico e o fragmento conservado tem ligeiras escoriações resultantes da sua remoção no momento do achado.

No centro da cabeceira desenha-se uma moldura simples em semicírculo convexo que define um frontão triangular; ao centro do frontão uma palmeta estilizada coroa um círculo, também definido por moldura simples, que tem inserta uma roda de três raios curvos com orientação sinistrorsa; por baixo de cada um dos lados do círculo, dois esquadros simétricos. O campo epigráfico quadrangular é definido por uma moldura de gola directa com ranhura exterior.

Dimensões: 53 x 27 x 15. Campo epigráfico: 12,5 x 13.

⁽¹) A epígrafe, segundo cremos, ainda não foi publicada; contudo, Patrick Le Roux e Alain Tranoy já tiveram ensejo de elaborar sobre ela, em Setembro de 1987, uma ficha destinada à nova edição do CIL II, cuja consulta nos foi gentilmente facultada pelo Doutor José d'Encarnação, coordenador desse projecto.

ARCO/MELBI (filius) Arcão, filho de Melbo.

Altura das letras: l. 1: 3,7/4,5; l. 2: 4,5/5. Espaços: 1: 1,2/1,6; 2: 0,7/2; 3: 0,5/1,5.

Uso de capitais actuárias que se adaptam bem à exiguidade do campo epigráfico.

O material de suporte dificultou o trabalho do lapicida que, contudo, denota alguma elegância na 1ª linha; na 2ª linha a gravação apresenta uma certa irregularidade a que não deve ser alheia uma deficiente paginação que, no entanto, podemos considerar em "caixa".

O A não apresenta barra transversal e o R, com uma inclinação suave para a direita, foi gravado a partir dum P, cuja pança não fecha totalmente e à qual se acrescenta uma perna ligeiramente curva. Na 1. 2, o lapicida recorreu ao uso dos nexos ME e BI numa tentativa de aproveitamento do escasso espaço disponível, sobretudo depois de ter iniciado a gravação com um M bastante aberto.

O antropónimo *Melbi* (gen.) é, aparentemente, desconhecido na onomástica peninsular; talvez possa aproximar-se do cognome *Melvius*, registado em Villamesía (Trujillo) (²).

Contrariamente, *Arco* é conhecido na onomástica indígena e encontra-se bem documentado em áreas de influência céltica (3).

Ressalta a beleza e a qualidade do monumento que nos indiciam um nível avançado de aculturação, ainda que contrastando com o indigenismo patenteado pelo texto gravado.

Pelas suas características formais e pela paleografia julgamos poder integrar o monumento num momento avançado do século II.

⁽²⁾ Cf. HAE 471 e María de Lourdes Albertos, *La onomastica personal primitiva de Hispania*, Salamanca, 1966, p. 156.

⁽³⁾ Vide: M. PALOMAR LAPESA, La onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania, Salamanca, 1957, pp. 38-39; María de Lourdes Albertos, ibidem, p. 32 e J. Unterman, Elementos de un atlas antroponimico de la Hispania Antigua, Madrid, 1965, mapa 10, pp. 58-59. Este último considera que o antropónimo é um representante típico da área antroponímica que definiu como lusogalaica, embora com alguns testemunhos na Celtibéria.



247 – Castro de Avelãs

ESTELA FUNERÁRIA DE ALIMONDE

Estela funerária incompleta proveniente de Alimonde, freguesia de Carrazedo e concelho de Bragança, executada em granito de grão fino. À epígrafe, fracturada pelo campo epigráfico, encontrava-se embutida na parede interior de uma casa da aldeia, pertencente a Tiago dos Santos Gonçalves, tendo sido por este descoberta, em meados da década de 80, quando aí procedia a obras de beneficiação.

Depois da sua descoberta, ficou exposta a alguns maus tratos e encontra-se, actualmente, depositada no Museu do Abade de Baçal.

Talvez possamos relacionar este achado com o povoado romano da Canada dos Mouros (¹), que para além de ter uma localização próxima da aldeia, ocupa parcialmente uma propriedade agrícola que é, há algumas gerações, pertença da família proprietária da casa em que a estela se encontrava reutilizada.

A estela apresenta cabeceira semicircular com uma roda de seis raios curvos inserta num círculo com 34 cm de diâmetro; os raios, originados num orifício central, apresentam uma orientação dextrorsa. Dois esquadros simétricos, dos quais só se conserva o do lado direito, separam o registo decorativo superior do campo epigráfico rebaixado.

Dimensões: (42) x 33 x 13. Campo epigráfico: (8) x 12,5.

MESAL/A· MES [---Mesala, ...

Altura das letras: 1. 1: 3/4,1. Espaços: 1: 0,5/1,4; 2: 0,6/2,3.

O corte horizontal que mutilou a l. 2, deixando apenas o topo das letras não inviabilizou a sua reconstituição.

⁽¹⁾ Vide: F. Sande LEMOS, *O povoamento romano em Trás-os-Montes Oriental*, vol. IIa, tese de doutoramento policopiada, Braga, 1993, p. 56.

Pelo texto conservado podemos antever uma paginação cuidada com alinhamento simultâneo à direita e à esquerda, preenchendo completamente o campo epigráfico. O *ductus* das capitais quadradas é irregular: na l. 1, o M é bastante aberto e encontra-se gravado inviesadamente, o E apresenta as barras horizontais superior e inferior ligeiramente levantadas, o S destaca-se pela sua maior altura e o A não apresenta barra central.

A primeira letra da l. 2, que consideramos ser um A, completa o nome do defunto dividido por uma translineação que não respeita a divisão silábica; da segunda palavra percebe-se a existência do nexo ME, com um M idêntico ao da l. 1, e da parte superior de um S. Pontuação bem marcada por um ponto redondo na separação das palavras.

Do antropónimo *Mesala* não encontramos qualquer testemunho na epigrafia peninsular; no entanto, talvez possamos aproximá-lo do cognome *Messal(l)a* representado na onomástica latina desde o período republicano (²). Deste modo, e porque este é um cognome do género masculino de tema em -a, optámos por atribuir ao defunto o sexo masculino. O outro nome teria continuação na linha seguinte e, de acordo com um esquema de filiação frequente nos epitáfios transmontanos, deve corresponder à filiação do defunto que, no caso vertente, não poderemos aclarar se é expressa por uma onomástica indígena ou latina.

A tipologia decorativa do monumento remete-nos para um ambiente indígena ao qual, no entanto, não é alheia a tradição romana presente na escolha de um cognome que parece filiar-se na onomástica romana, embora com uma variante gráfica que poderá ficar a dever-se unicamente a um erro do lapicida, e até na própria atitude de gravar o epitáfio.

A paleografia e as características do monumento levam-nos a integrá-lo no dealbar do século II ou mesmo ainda na segunda metade do século anterior.

⁽²⁾ Cf. I. Kajanto, The latin Cognomina, Roma, 1982, pp. 52, 105 e 194.



248 - Alimonde

PEDESTAL DO ARRABALDE DE GIMONDE

Pedestal em granito proveniente do Arrabalde de Gimonde (freguesia de Gimonde, concelho de Bragança) exumado durante os trabalhos de escavação de emergência que aí realizámos no Verão de 1995 (¹). A peça encontrava-se reutilizada numa estrutura adossada a uma das paredes de um edifício que escavámos parcialmente. Está actualmente depositada na sede do Parque Natural de Montesinho.

Apresenta uma configuração *grosso modo* cúbica com um orifício oval (18 x 14 cm) na face superior destinado ao encaixe da obra escultórica que suportava. Praticamente intacto, apresenta algumas escoriações nos vértices e, sobretudo, nas arestas da base devido ao facto de ter sido embutido de forma invertida deixando-as, de alguma forma, mais expostas. O campo epigráfico ocupa toda a largura da face principal do pedestal e é limitado, em cima e em baixo, por dois meio-redondos côncavos que correm ao longo das quatro faces.

Dimensões: 42 x 44 x 39,5. Campo epigráfico: 43 x 18.

BONO / R $(ei) \cdot$ **P** $(ublicae) \cdot$ **NATO** Ao nascido para o bem do Estado.

Altura das letras: 1. 1: 5/7,5; 1. 2: 3,4/6. Espaços: 1: 1,5/4,5; 2: 1/1,8: 3: 1/3,7.

O texto encontra-se dividido em duas linhas e alinhado à esquerda. A gravação das letras, de características actuárias, é pouco cuidada; as letras apresentam alturas irregulares e, na 1. 2, não é respeitado o alinhamento inicial. Os NN apresentam-se inclinados para a direita e os OO têm dimensões claramente inferiores às restan-

⁽¹) Coube-nos a nós e ao Doutor Lino Tavares Dias a responsabilidade pela direcção dos trabalhos arqueológicos realizados entre 3 e 17 de Julho, no Arrabalde de Gimonde.

tes letras; enquanto os da l. 1 podem, eventualmente, explicar-se por uma tentativa de procura de efeito estético, já o O final da l. 2 parece ser fruto de deficiente paginação. A gravação inicial de um P serviu de base à gravação do B (l. 1) e do R (l. 2); o A é desprovido de barra horizontal. Uso de *puncta* na separação das abreviaturas R(ei) e P(ublicae).

A utilização da expressão *Bono Rei Publicae Nato* é frequente na antiguidade tardia, como emanação de novos valores éticos e políticos, mormente fazendo a apologia do Imperador (²). A fórmula é, sobretudo, mencionada nos miliários do século IV, funcionando como elemento da titulatura oficiosa, atribuída exclusivamente aos imperadores vivos no sentido de afirmar a sua legitimidade (³). No caso vertente, a utilização do dativo deixa transparecer o carácter honorífico do monumento que, no entanto, não oferece possibilidade identificar o imperador homenageado.

A finalidade propagandística da expressão leva-nos a reflectir acerca do significado e localização originais do pedestal (associado ao seu complemento escultórico) que julgamos indissociáveis do trânsito que a via romana XVII canaliza. Se nos seduz admitir que o monumento esteve num espaço público do próprio castro romanizado do Arrabalde, também não rejeitamos a possibilidade de ele se encontrar deslocado, apenas algumas dezenas de metros, relativamente a uma colocação junto à via, eventualmente à saída ou entrada de uma ponte de fábrica romana que deve ter precedido a obra medieval que continua a unir as duas margens do rio Igrejas (4).

Pela expressão a que se reduz o texto epigrafado e em certa medida, pela paleografia pensamos poder atribuir o monumento ao século IV.

⁽²) Segundo G. Susini (*Epigrafia Romana*, Roma, 1982, p. 168) assiste-se na antiguidade tardia ao florescimento das fórmulas encomiásticas que, no caso da propaganda imperial, veiculam a imagem do imperador como grande obreiro da paz, da liberdade e da manutenção da ordem pública.

⁽³⁾ Veja-se a propósito deste elemento de titulatura imperial: CHRISTOL, M. e SILLIÈRES, P., «Constantin et la Péninsule Ibérique: à propos d'un nouveau milliaire», REA, LXXXII, 1980, pp. 70-80.

⁽⁴⁾ Acerca do traçado da via XVII na região de Bragança pode consultar-se: LEMOS, F. S., *O Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*, vol. Ib, Braga, 1993, pp. 276-327.

BASE DE ESTELA FUNERÁRIA DO ARRABALDE DE GIMONDE

Parte inferior de uma estela funerária, de granito, que localizámos no decurso de trabalhos de prospecção no castro romanizado do Arrabalde de Gimonde (freguesia de Gimonde, concelho de Bragança), em Agosto de 1995. Encontrava-se, à superfície, numa parcela de pomar, pelo que julgamos ter sido exumada aquando da plantação das árvores fruteiras.

O achado foi conduzido para a sede do Parque Natural de

Montesinho e aí permanece recolhido.

O fragmento conservado, para além de algumas escoriações na face principal, apresenta uma fractura horizontal que o separou do resto do monumento e outra do lado direito que afectou o registo decorativo e produziu duas fissuras que o fragilizam.

O registo conservado, composto por três arcos ultrapassados executados sem grande primor, repete um motivo comum na decoração do registo inferior das estelas funerárias transmontanas — as arcadas.

Dimensões: (43) x 46 x 16.

ESTELA DO ARRABALDE DE GIMONDE

O monumento apareceu, há mais de 30 anos, no Arrabalde de Gimonde (freguesia de Gimonde, concelho de Bragança) no decurso de trabalhos agrícolas. Desde esse momento que se encontra na aldeia de Gimonde, recolhida em casa de Albertina de Jesus Sarmento de Castro.

Em termos formais, é um bloco, de granito de grão fino, mais espesso na parte superior e consideravelmente mais largo na parte que se destina a ser enterrada; esta parte, contrariamente às faces laterais e posterior que se encontram sumariamente trabalhadas, está em bruto.

A gramática decorativa deste monumento é comum na região, apresentando, no entanto, a particularidade de não possuir entre os registos superior e inferior o campo epigráfico destinado à gravação do texto funerário.

A cabeceira semicircular é limitada por uma moldura obtida pelo rebaixe do espaço em que se encontra gravada uma roda de 12 raios curvos, orientados para a esquerda, com o centro marcado por um ponto.

Por baixo, dois "sulcos" interrompidos terminados em quarto de círculo ladeiam dois arcos transformados pela forma que assumiu a representação dos capitéis que rematam as colunas, como acontece noutras estelas transmontanas (¹). Não se verifica nesta representação uma integração harmoniosa entre os "sulcos" interrompidos e as colunas que estruturam os arcos, uma vez que aqueles não se interrompem de forma a marcar o capitel das colunas nos bordos da estela. Poderá isto ficar a dever-se a uma deficiente compreensão deste modelo decorativo ou à existência de dois momentos na execução desta estela em que um programa decorativo inicial que incluiria os "sulcos" foi posteriormente abandonado?

⁽¹) Acerca da decoração destas estelas e das particularidades da representação de alguns motivos decorativos habituais, nomeadamente arquitectónicos, veja-se José A. ABÁSOLO e R. GARCÍA ROZAS, «Sobre las estelas zamoranas y su ornamentación», *Actas del I Congreso de Historia de Zamora*, 2, Zamora, 1990, pp. 545-560 e M. Cristina Lión Bustillo, «Aspectos decorativos y onomásticos de las estelas funerarias del occidente de Zamora», *Actas del I Congreso de Historia de Zamora*, 2, Zamora, 1990, pp. 561-570.

A roda de raios curvos constitui, na grande maioria das estelas funerárias, o motivo principal da cabeceira e a decoração arquitectónica do registo inferior, filiada no tema das arcadas, têm paralelos noutras estelas do distrito de Bragança.

O monumento parece-nos original no contexto da epigrafia funerária esteliforme regional (províncias de Trás-os-Montes e Zamora) pela ausência do campo epigráfico; o espaço que modela os dois registos decorativos é exíguo e anepígrafo e nenhum outro sector do monumento recebeu qualquer inscrição. Seja qual for a justificação deste facto — encomenda, aproveitamento da matéria-prima ... — o certo é que se obteve um monumento mais económico porque não onerado pelo trabalho de gravação do epitáfio e embora esta ausência obrigue ao anonimato, a estela não deixa de cumprir, ainda que parcialmente, a sua função ao assinalar um enterramento num espaço que se quer diferente (²).

A integração cronológica do monumento é delicada, sobretudo, por se encontrar ainda por elaborar um estudo integrado do suporte, texto e decoração das estelas transmontano-zamoranas, pelo que a dispensamos.

Dimensões: 76×29 (base = 34) x 15.

ARMANDO REDENTOR

⁽²) A contiguidade da zona onde a estela foi recolhida face ao Castro do Arrabalde e o achado da base de outra estela (FE 54, 1997, n.° 250) no mesmo local fazem-nos supor estar perante a necrópole deste castro romanizado, até porque outros casos da Terra Fria Transmontana documentam a inexistência de uma demarcação clara entre necrópoles e *habitats* (cf. F. Sande LEMOS, *O Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*, vol. Ib, Braga, 1993, pp. 426-430).



251-Gimonde

Ficheiro Epigráfico, 54, 1997